



Reflexões Sobre o Ensino de Teoria do Jornalismo: Pensando o Diálogo entre Teoria e Prática ¹

Gisely Valentim Vaz Coelho HIME²
UniFMU, SP

RESUMO

Apresentamos algumas reflexões sobre o modelo de ensino da disciplina Teoria do Jornalismo, propondo uma metodologia fundamentada no diálogo, na valorização do repertório do grupo, no multiculturalismo e na participação proativa do indivíduo. Consideramos como pilares fundamentais uma Didática Libertadora, a partir de Freire e Kaplun; as representações sociais da Juventude na Pós-Modernidade e o impacto das Novas Tecnologias na construção das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria do Jornalismo; Ensino do Jornalismo; Pedagogia Libertadora; Novas Tecnologias; Pragmática Jornalística.

O trabalho cotidiano em sala de aula impele-nos a reflexões constantes sobre os métodos pedagógicos, quando se percebe o ensino segundo uma dimensão libertadora, em contraposição ao mecanicismo da reprodução de conceitos e técnicas. Na conversa entre colegas professores, ressalta-se a percepção geral da redução da capacidade de avaliação crítica dos alunos, tendendo à reprodução do senso comum, reflexo da limitação na constituição de um campo teórico, em decorrência da enorme resistência para ler os autores necessários. Por sua vez, tal comportamento é derivado da dificuldade de concentração por períodos medianos em atividades intelectuais, bem como da dificuldade para compreensão de narrativas mais complexas.

Por outro lado, o mercado comunicacional caminha sob a égide da convergência tecnológica e cultural, rompendo limites e alterando noções de tempo e espaço. O reinado da cibernética colocou-nos diante de expressões artísticas cujos princípios essenciais são a tríade: liberdade - o descompromisso com uma estética pré-determinada, o que permite as mais variadas experimentações a partir de diferentes

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Coordenadora e Professora da Área de Comunicação Social do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação da FMU (SP); Professora dos Cursos de Graduação em Comunicação Social do UniFIAMFAAM (SP). Mestre e Doutora pela ECA-USP, instituição onde também se bacharelou em Jornalismo. e-mail: giselyhime@uol.com.br



técnicas e materiais³; globalização e condicionamento sensorial simultâneo. Mário Pedrosa define bem esta questão, quando afirma que:

(...) vivemos, hoje, num condicionamento diverso, num condicionamento sensorial simultâneo, que nos dá uma imagem da realidade de bem mais dimensões que as três em que, gostosa e preguiçosamente, a humanidade se havia instalado. O visual vem cada vez mais separado do verbal discursivo para aliar-se num complexo inextricável ao modo auditivo, e o tempo está chegando em que ao mesmo complexo será agregado o modo olfativo (PEDROSA, 1975, pp. 216-217).

No século XXI, a tecnologia de comunicação tornou-se a companheira inseparável do homem. Notebooks, netbooks, tablets e mesmo celulares com acesso à internet permitem consultar bancos de dados e portais de informação do mundo inteiro, assim como participar de redes sociais, forjando novas relações interpessoais. Tais redes expandiram o universo particular a dimensões extraordinárias, que superam o universo público, subvertendo a relação de ordem pública e privada. Ações rotineiras ganham status de importância nessa nova ordem, fortalecidas pela narrativa imagética. A imagem domina o relato, criando inúmeras alternativas de novos mundos até o indiscernível. Ao mesmo tempo em que produzimos imagens de extrema definição por meio de aparelhos digitais, com o auxílio de computadores transformamos, fundimos e deformamos imagens numa rapidez fantástica, criando um mundo virtual, lúdico e interativo.

Como questionamos em artigo apresentado no congresso da Intercom, em 2011, em Caxias do Sul (HIME, 2011: 2),

Por que motivos a inovação tecnológica que possibilitou a multiplicação infinita de acesso à informação não levou à maior capacitação crítica da juventude? Por que não estimula o interesse e o comprometimento pelo e com o bem comum? Mas, reflete-se na desinformação, inversamente proporcional à atualização e capacitação tecnológica; num estado letárgico enquanto maturação intelectual, inversamente proporcional à energia frenética para jornadas infindas em conversas sem sentido nas salas de bate papo?

Quando se trata do ensino de Jornalismo, tal situação se torna ainda mais pertinente posto que imbricados aí não apenas o fazer, mas, sobretudo, a própria matéria do fazer, pois nos propomos a formar futuros articuladores de produtos midiáticos. Considerando o papel do jornalista enquanto mediador social, é preciso ir além da apropriação de técnicas de utilização de novas tecnologias para navegar águas mais profundas da construção de repertório intelectual, estudo do multiculturalismo e da aplicação reflexiva das múltiplas técnicas de construção do relato para optar de forma

³ Como as latas de sopa de Andy Warhol e os animais em formol de Damien H.



consciente pelo formato mais adequado entre os diversos possíveis, bem como pela articulação crítica e consciente do conteúdo.

Como ressaltamos em comunicação no Congresso da Intercom de 2005, no Rio de Janeiro,

Na essência do fazer jornalístico se encontra um dos fenômenos sócio-culturais mais antigos da história da humanidade: o relato compromissado com as experiências do cotidiano. Pressupõe, portanto, empatia para se aproximar de tais experiências; sensibilidade para descobrir suas múltiplas possibilidades; maturidade para ponderá-las; humildade para saber-se relator, apropriando-se do relato, mas não da realidade retratada; simplicidade e disponibilidade para buscar e se render à melhor forma de expressão do relato. Neste sentido, ensinar o fazer jornalístico pressupõe revelar ao aluno os múltiplos instrumentos necessários à aproximação de tais experiências – revelar, não apresentar, posto que os traz ele, muitas vezes, inconscientemente, assimilados ao seu viver (HIME, 2005: 1).

Concepção da proposta

Nessa perspectiva, nos últimos três anos, temos buscado aprimorar um nova proposta para o ensino da disciplina Teoria do Jornalismo, partindo da experiência em sala de aula no Centro Universitário UniFIAMFAAM. Diante da resistência para leituras de obras acadêmicas e da consequente dificuldade para assimilar e articular os conceitos fundantes da disciplina, planejamos as aulas da disciplina em dois momentos: teórico e prático. Considerando os encontros semanais de cerca de três horas de duração - das 7h às 11h30, com intervalo de 15 minutos -, propomos aos alunos um primeiro momento em que são apresentados os referenciais teóricos e um segundo momento em que os alunos aplicam em exercícios de análise midiática os conceitos apresentados.

A idéia surgiu a partir de uma conversa com o prof. José Marques de Melo. Na ocasião, ele recordou como o professor Luiz Beltrão, pai da Folkcomunicação – primeira teoria da comunicação legitimamente brasileira -, trabalhava, no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Recife, os conceitos fundantes do Jornalismo, a partir da análise criteriosa do jornal diário. É isso – pensamos – que se deve fazer em sala de aula! O aluno precisa se colocar diante dos veículos jornalísticos como o estudante de Medicina se coloca diante do corpo humano. Guiado pelo professor neste processo de desconstrução, ele estabelecerá a intimidade necessária – que vem do profundo conhecimento – para, então, prepara-se à criação.

Princípios Fundantes



O primeiro pilar da proposta diz respeito à juventude e tudo o que implica esse conceito em sua construção sócio-cultural. Questiona José Machado Pais,

Quando falamos de “juventude” estamos profunda e comprometedoramente emaranhados numa complexa teia de representações sociais que se vão construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas. Os escolásticos (em particular, São Tomás de Aquino) costumavam fazer uma distinção entre definições reais (*definitio rei*) e definições verbais (*definitio nominis*). Nas definições reais, o que está em causa é a essência do definido, da realidade que se nomeia. Em contrapartida, nas definições verbais o que importa é a significação dos nomes. (...) Pois bem, quando falamos de juventude, no que mais pensamos é na significação ou representação do nome. É por esta razão que Pierre Bourdieu não hesita em propor que a “juventude não é mais que um nome (BOURDIEU *apud* PAIS, 2007: 3)” – ou seja, uma construção verbal ou representacional (PAIS, 2007: 2-3).

Pais vai além:

Muitas das máscaras nominais sob as quais se ocultam as representações da juventude são fabricações do senso comum e dos media. É o que acontece quando alguns grupos de jovens são descritos como tribos. Este processo de etiquetagem origina realidades representacionais, discursivas, mitificadas. Há que questionar as máscaras que tais etiquetas representam. Que jovens são esses que levam a etiqueta de tribo? Identificam-se eles com a etiqueta? Que propósitos e efeitos se associam ao processo de etiquetagem? Questões deste tipo podem ajudar-nos a resistir a um efeito de contaminação conceitual que, no caso de algumas culturas juvenis, nos levaria a desenvolver uma sociologia acrítica de “bandos”, “gangs” ou “tribos”, confundindo conceitos com preconceitos (PAIS, 2007: 3).

É fundamental, portanto, no relacionamento com os estudantes em sala de aula que busquemos identificar os limites das diversas representações sociais da juventude e, sobretudo, os processos de sua construção, o que se efetiva, como ressalta Pais, na perspectiva analítica das relações cotidianas, visto serem elas a chave para as intrincadas redes sociais (PAIS, 2007: 19).

Nessa perspectiva, introduzimos o segundo pilar: uma didática libertadora. Ao participar de uma mesa sobre o Ensino do Jornalismo, no Congresso da Intercom de 2005, refletimos sobre as atuações do colombiano Mario Kaplun e do brasileiro Paulo Freire, referências para o desenvolvimento de um projeto de educação libertador. Tais princípios nortearam-me na reorganização da disciplina. A chave para entender o pensamento destes educadores latino-americanos é a disposição para o encontro com o outro, ressaltando-se a importância de perceber que toda relação de conhecimento passa pelo fenômeno de simpatia-antipatia-empatia. Em sua pedagogia, Kaplun busca um diálogo respeitoso, fraterno, que não impõe normas, mas abre-se à realidade do outro. Para ele é imprescindível valorizar a linguagem do cotidiano: “en lugar de traer un



dogma preestabelecido, hablaba franco sobre cosas de la vida (PINTOS, 2001)”. Por sua vez, Paulo Freire, em sua pedagogia, parte sempre de uma realidade concreta, de suas condições históricas e materiais – ponto de gestação da mudança, posto que tanto educador, quanto educando, devem

(...) saber-se condicionado[s] e não fatalisticamente submetido[s] a este ou àquele destino, [é assim que se] abre o caminho à sua intervenção no mundo. O contrário da intervenção é a adequação, a acomodação ou a pura adaptação à realidade que não é assim contestada. (...) O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo. (...) Só na história como possibilidade e não como determinação se percebe e se vive a subjetividade em sua dialética relação com a objetividade (FREIRE, 2000: 56).

Sendo assim, o educador deve se colocar como aquele que sabe a diferença entre falar *com* alguém e falar *para* alguém; considera os *interesses* do educando nas ações educativas; valoriza o multiculturalismo na perspectiva *dialogal*; assume-se como sujeito da história, consciente de seus atos na construção e transformação do mundo em que vive e no tempo em que existe, colocando-se de forma *proativa* no mundo, transformando-o, e, nessa transformação, completando-se e humanizando-se.

Consideramos assim o terceiro pilar: as novas tecnologias. Em primeiro lugar, é preciso observar que, como ressalta José Manuel Moran, as novas tecnologias modificaram significativamente “algumas dimensões da nossa inter-relação com o mundo, da percepção da realidade, da interação com o tempo e o espaço (MORAN, 1995:24)”. Isto posto, passemos à individualização dos processos de comunicação, em oposição à constituição das famosas redes sociais. “A miniaturização das tecnologias de comunicação vem permitindo uma grande maleabilidade, mobilidade, personalização (vide walkman, celular, notebook...), que facilitam a individualização dos processos de comunicação, o estar sempre disponível (alcançável), em qualquer lugar e horário (MORAN, 1995:24)”, e assim criam inúmeras possibilidades de contatos entre comuns e diferentes, nos mais diversos pontos do Planeta, vide o que se verifica com o twitter! Como identifica Castells, as novas tecnologias “logo que se propagaram e foram apropriadas por diferentes países, várias culturas, organizações diversas e diferentes objetivos, (...) explodiram em (...) aplicações e usos (CASTELLS, 2006: 43)”. Sendo assim, nos processos comunicacionais enfatizam-se os dispositivos personalizados e, por eles, a interação, na formação de redes. Trata-se, pois, de pensar a produção midiática – e conseqüentemente o ensino de comunicação - com base nos conceitos de



maleabilidade, mobilidade, acessibilidade, transdisciplinaridade, personalização, instantaneidade e interação.

Descrição do método

Para trabalhar os aspectos teóricos da primeira parte da aula, são enviados antecipadamente aos alunos slides, identificando os principais conceitos a serem desenvolvidos a partir dos textos teóricos selecionados e indicados previamente no Plano de Aula. Ressalta-se que, no primeiro dia de aula, os alunos recebem este Plano, onde estão indicados temática e bibliografia de todos os encontros do semestre. Dessa forma, estimula-se a curiosidade pela leitura, da mesma forma que se oferece um instrumento de apoio e condução do estudo dos textos. Durante a aula, os slides servem de guia para a apresentação dos conceitos, trazidos pelos alunos nas mais diversas formas: da tradicional impressão ao acesso por meio de notebooks, tablets e celulares. No próprio material, os estudantes inserem suas anotações, ilustrando os conceitos com exemplos de cobertura jornalística que auxiliem na compreensão do debate teórico, evocados pela docente ou pelos próprios jovens, estimulados pela professora na condução do debate em sala.

No segundo momento do encontro, os alunos reúnem-se em grupos de quatro ou cinco integrantes para a análise midiática. O processo é realizado em grupo e não individualmente para favorecer o diálogo, beneficiando-se da troca de impressões, estimulada pela diversidade de repertório. A cada semana, trabalham-se veículos diferentes no suporte tecnológico, na proposta editorial, no público e na periodicidade, de maneira que, ao final da disciplina, as características do fenômeno jornalístico, em sua rica e variegada expressão, tenham sido plenamente contempladas. De acordo com os objetivos do exercício, são selecionados os veículos que melhor permitam sua execução. Por isso mesmo, em alguns momentos, prioriza-se a análise comparativa, solicitando aos alunos elaborar uma coletânea de matérias sobre um determinado assunto, publicadas em diferentes veículos, de diferentes suportes, público e periodicidade.

Para esclarecer a pedagogia empregada, selecionamos alguns exemplos das aulas propostas para Teoria do Jornalismo I. Vale ressaltar que o conteúdo relativo ao campo tratado é organizado em dois semestres. No primeiro, são trabalhados os conceitos fundantes da Pragmática Jornalística, enquanto no segundo, desenvolvem-se as principais teorias relativas ao campo. Voltemos aos exemplos.



A disciplina inicia seu curso refletindo o conceito de Pragmática Jornalística proposto por Manuel Carlos Chaparro, em seu *Pragmática do Jornalismo – Buscas Práticas para uma Teoria da Ação Jornalística* (São Paulo, Summus, 1994). Trata-se de um debate essencial para entender do que trata a prática jornalística e porque não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas. Chaparro propõe um fluxograma para a macropragmática do jornalismo, segundo o qual se depreende que:

- 1) Sendo o jornalismo um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis, esse processo só se concretiza se os fazers jornalísticos (envolvendo o uso de técnicas para a produção de uma expressão estética) forem cognitivamente controlados por intenções inspiradas nas razões éticas que dão sentido social a esse processo.
- 2) Porque as ações são conscientes e têm consequências sociais relevantes, o jornalista é responsável moral pelos seus fazers.
- 3) Se a intenção controla conscientemente o fazer, então determina os procedimentos técnicos e inspira as buscas e as soluções estéticas.
- 4) A intenção é, portanto, a liga abstrata que funde ética e técnica, na busca de uma estética significativa para o processo.
- 5) Dado que a razão ética primordial do jornalismo é a de viabilizar, asseverando, o acesso ao direito de informação, a estética significativa a ser alcançada pelo jornalismo é a do relato veraz – isto é, o relato do que, em verdade, foi visto, ouvido e sentido pelo mediador.
- 6) A ação jornalística se esgota no seu ato de asseverar, quando a mensagem é lida. Os efeitos derivados, em forma de comportamentos ou novas ações sociais, fazem parte da esfera criativa e livre do receptor, inserido em suas próprias circunstâncias sociais e seus interesses. Os comportamentos e as ações sociais derivadas dos atos comunicativos do jornalismo realimentam o processo social, provocando transformações nos cenários da atualidade e da ordenação ética e moral da sociedade (CHAPARRO, 1994: 116).

Trata-se de estimular o aluno a perceber o compromisso do relato com o real; as diferenças entre real e realidade; o jornalista como sujeito do relato; a intencionalidade do relato; os efeitos do relato na sociedade. Na segunda parte da aula, portanto, os alunos debruçam-se sobre a edição diária de um jornal impresso, com o desafio de identificar a intencionalidade do relato das três principais matérias publicadas. Primeiramente são considerados os títulos, posteriormente os textos e, por fim, a relação entre eles, estabelecendo a complementariedade. O roteiro para a análise busca na semiótica o apoio necessário, compreendendo a identificação dos verbos, substantivos e adjetivos; os sentidos apropriados pela escolha das palavras; assim como a estruturação sintática dos períodos. Dessa forma, os alunos são guiados na percepção da construção de sentido do relato e, conseqüentemente, de sua intencionalidade.



Por sua vez, quando se trata de refletir sobre os critérios de noticiabilidade, propõe-se a realização de um exercício comparativo entre os dois maiores jornais impressos de circulação diária do País – *O Estado de S.Paulo* e *A Folha de S.Paulo* -, identificando e caracterizando a pauta diária em suas similaridades e diferenças.

A utilização do instrumental de análise comparativa dá-se efetivamente no estudo dos conceitos de objetividade e imparcialidade. A proposta de exercício parte da construção de uma coleção de matérias sobre um determinado assunto, publicadas em diferentes veículos, de diferentes suportes tecnológicos, público e periodicidade. Tal material serve de suporte para a análise do tratamento dado à temática na construção dos relatos, permitindo assim também o aprofundamento de conceitos trabalhados anteriormente, como versão e critérios de noticiabilidade.

Observações sobre os Resultados

Observamos que a implementação da proposta tem proporcionado os seguintes resultados, ao final do semestre:

1. percepção de que a Teoria está conectada à Prática, enquanto fundamento necessário ao exercício crítico;
2. consequente interesse pela leitura dos referenciais indicados na constituição do campo teórico da disciplina;
3. interesse pelo acompanhamento da produção jornalística diária, em seus diferentes suportes tecnológicos;
4. percepção das características e dinâmicas do discurso jornalístico em diferentes suportes;
5. interesse pela comparação e análise da produção jornalística diária, em seus diferentes suportes tecnológicos;
6. criticidade no consumo do conteúdo jornalístico;
7. apropriação dos conceitos fundantes propostos pela disciplina.

Dessa forma, trata-se a educação de maneira problemática, atribuindo, conseqüentemente, ao ensino uma dimensão libertadora, em contraposição ao mecanicismo da reprodução de técnicas, desenvolvendo, no processo educacional, a capacidade de avaliar, escolher, comparar, decidir e intervir no mundo. Como ressalta a professora Alice Mitika Koshiyama,



nossas experiências cotidianas comprovam a afirmação de que sempre estamos em processo de aprendizagem. Muitas vezes as atividades desenvolvidas nas horas de lazer são fundamentais para a aquisição de informações e a fixação de comportamentos essenciais para viver. As escolas apenas assumem a tarefa de sistematizar a busca organizada de conhecimentos (KOSHIYAMA, 2002: 1-2).

Nereu Teixeira complementa a percepção, aproximando os processos educacional e comunicacional:

O processo da comunicação humana tem sua origem no ser, e tem sua perfeição na comunicação do ser. Comunicar, fundamental e essencialmente, consiste em ser pessoa humana, ser gente. Não está no ter, nem mesmo no saber, nem no entender, e também não está unicamente no fazer. Comunicar é questão de ser gente! Um ser que, vir-a-ser-sempre mais. É todo um dinamismo: o que se é, na medida em que se é, na busca de se tornar sempre mais o que se deve ser (TEIXEIRA, 1983: 24).

Referências

- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo, Arte & Ciência, 1998.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo – Buscas Práticas para uma Teoria da Ação Jornalística**, São Paulo, Summus, 1994.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo – Buscas Práticas para uma Teoria da Ação Jornalística**, São Paulo, Summus, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **Breves Reflexões sobre os Limites para a Construção de um Modelo Libertador de Ensino de Jornalismo no Brasil**, Trabalho apresentado aos Eventos Especiais II: Mesas Temáticas, XXVIII Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Rio de Janeiro/RJ, 2005.
- _____. **Laboratório de Crítica e Produção Midiática: Repensando Formatos e Linguagens na Relação Informação, Entretenimento e Educação**, Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos (DT1) do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS, 2011.
- KAPLÚN, Mario. **La comunicación de masas en América Latina**. Bogotá: Ed. Educación Hoy, 1973.
- _____. **A la educación por la comunicación. La práctica de la comunicación educativa**. Santiago de Chile: UNESCO, 1992.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. **A Biblioteca Viva na Formação de Comunicadores**, trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002.
- PAIS, José Machado. **Pesquisa Acadêmica, Vida Cotidiana E Juventude: Desafios Sociológicos - O poder das máscaras: ocultações e revelações**, Comunicação apresentada na



sessão especial “Pesquisa acadêmica, vida cotidiana e juventude: desafios sociológicos”, 3ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG, 2007.

_____. **Culturas Juvenis**, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria (Coordenação), **Tribos Urbanas**, São Paulo, Annablume, 2004.

PEDROSA, Mário. **Mundo, Homem, Arte em Crise**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1975.

PINTOS, Virginia Silva. **Mario Kaplún**: La Comunicación como actitud de vida, PCLA - Volume 2 - número 4: julho / agosto / setembro 2001.

TEIXEIRA, Nereu de Castro. **A Comunicação Libertadora**, Edições Paulinas, São Paulo, 1983.